



UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A CULTURA VOCAL DOS RAPPERS SANJOANENSES

LARISSA GABRIELA DE SOUSA COELHO; DÉBORA ANDRADE

RESUMO

Este é um recorte de uma pesquisa desenvolvida no contexto de um curso de Licenciatura em Música. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o objetivo exploratório, que adota como procedimentos práticos a pesquisa bibliográfica e a de campo. O objetivo principal desse recorte foi apresentar a compreensão de quatro cantores de Rap do município mineiro de São João del-Rei a respeito de sua prática de canto. Esta pesquisa se justifica, sobretudo, pela evidência da ausência de pesquisas acadêmicas, relacionadas a esse campo. Nesse contexto, parte-se do pressuposto de que a performance vocal em gêneros como o rap deve ser reconhecida como canto, mesmo sendo diferente da tradição melódica do canto popular, pois cantor de rap se centra na voz humana, que atua como um instrumento rítmico e melódico. Para tal, utilizou-se como instrumento de produção de dados entrevistas semiestruturadas, tendo sido realizadas com quatro rappers, atuantes no movimento Hip Hop sanjoanense. Por sua vez, os dados das entrevistas foram analisados por meio de processos de codificação e de categorização. A revisão bibliográfica demonstrou que a voz do *rapper*, tema central desta pesquisa, ainda é um assunto pouco explorado pela academia, pela educação musical e pela literatura do canto popular. Por meio das entrevistas semiestruturadas, foi possível inferir que os rappers investigados reconhecem a necessidade de se cuidar da voz, para que seu ofício se prolongue, entretanto, não consideram que a cultura de técnica vocal legitimada por instituições de ensino considere as especificidades das variadas manifestações vocais inerentes à estética do Rap.

Palavras-chave: técnica vocal; voz rimada; *hip hop*.

1 INTRODUÇÃO

O *Hip Hop* é uma expressão musical que se espalhou por todo o país e alcançou não só os principais centros urbanos como também as cidades interioranas de diversos estados brasileiros. De acordo com relatos presentes no documentário "A história do Movimento *Hip Hop* de São João Del Rei: 22 anos de resistência" (Carmo, 2021), os primeiros indícios da chegada do Movimento *Hip Hop* em São João del Rei datam de meados dos anos 1985, mas ele foi consolidado em 1999, ano em que foi formada a Posse del Rei de *Hip Hop*. Assim como a *Universal Zulu Nation* nos Estados Unidos, a Posse também era formada por grupos de jovens atuantes da cultura e realizava reuniões com temas relevantes à realidade da juventude, como a luta contra o racismo e as drogas e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, com o intuito de debater com a população em geral e conscientizar sobre essas pautas para além da arte.

Um movimento importante para a cultura *Hip Hop* da cidade foi o *Rap* na Bika, evento que surgiu em 2015 e reunia mensalmente apresentações artísticas de *DJs*, *rappers*, instrumentistas, expositores, contadores de histórias, além de exibição de curtas (Cinebika), batalhas de rima e *slam*.¹⁶ Os eventos aconteciam na Praça Dr. Fausto Mourão, mais conhecida como Praça da Biquinha e, apesar da cessação das atividades, foi um importante impulsionador do *rap* na cidade (Santos et al. 2022, p. 1173).

No ano de 2019 surgiu a Batalha da Estação, evento quinzenal que acontece na Praça da Estação. Concentrando suas atividades principalmente na batalha de rimas, este se tornou o principal ponto de encontro entre os artistas e fãs de rap de São João del Rei e região. As batalhas contam com em média de 16 *MCs* e um público que varia entre 60 a 100 pessoas. (Júlio, 2023)

O *Rap* se faz presente também dentro das atividades da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) (Inverno Cultural UFSJ, 2019). Além da inclusão do gênero em *shows* e oficinas em algumas das edições do Inverno Cultural, evento promovido pela Universidade, no ano de 2024 o Espaço de Liberdade Artística- ELA 167 passou a promover oficinas de rima e de *breakdance* abertas à comunidade nas dependências do Campus Dom Bosco, localizado também na cidade de São João del Rei-MG (Vertentes FM, 2024).

Ampliando o olhar sobre a presença desta temática no meio acadêmico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com a finalidade de encontrar, nos últimos dez anos, trabalhos que discorressem sobre o trabalho vocal do *rapper*. Foram analisados revistas e anais de congressos científicos de música: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), Associação Brasileira de Educação Musical- (ABEM) e Nas Nuvens. Foi possível perceber que, na maior parte das publicações que falam sobre *Hip Hop*, o *rap* é retratado a partir do discurso de suas letras ou da função social e/ou educativa que elas possuem, e não há menções sobre a técnica vocal presente no fazer musical dos *rappers* que as cantam.

Nos anais da ANPPOM, encontramos sete artigos relacionados ao *rap*, entre os anos 2013 e 2023. Entretanto, nenhum desses trabalhos se debruça sobre a prática vocal do *rapper*, sobretudo do sanjoanense.

Nesse contexto, o objetivo principal desse recorte foi apresentar a compreensão de quatro cantores de *Rap* do município mineiro de São João del-Rei a respeito de sua prática de canto.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, por não se preocupar com representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de grupos sociais. Quanto aos procedimentos, ela é uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, pois produz dados junto a pessoas. Quanto aos seus objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, já que possui a intensão de expor e provocar discussões a respeito de um tema ainda pouco observado pelo meio acadêmico (Gerhardt; Silveira, 2009).

Como ferramenta de produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, direcionadas a quatro cantores de *rap* de São João del-Rei. Esse tipo de entrevista, também chamada de semidiretiva apresenta um roteiro básico, contendo perguntas abertas e podendo ser aplicada de maneira flexível, seja com relação à ordem das perguntas ou à reformulação das mesmas, a depender da interação estabelecida entre entrevistado e entrevistador (Penna, 2017).

À princípio, o roteiro de entrevista foi composto pelas seguintes questões: i. Como se dá a sua atuação no *rap*: Você canta em batalhas, faz apresentações ao vivo e/ou grava suas músicas?; ii. Com que frequência você canta rap?; iii. Em qual vertente do rap você atua: *Boombap*, *trap*, *drill* ou outras?; iv. Você prepara a sua voz antes de uma

apresentação/batalha/gravação? Como?; v. Se a resposta da pergunta anterior for sim, onde/ como você aprendeu a preparar a sua voz para cantar rap?; vi. Você sente algum incômodo em relação ao seu canto? Se sim, qual/quais?; vii. Se a resposta da pergunta anterior for sim, como você lida com esse desconforto vocal?; viii. Você já procurou ou fez aulas de canto? Por quê?;

ix. Se teve acesso a aulas de canto, você cantava rap nessas aulas? Elas abordavam exercícios e técnicas que pudessem te ajudar a cantar rap com mais segurança?; e x. Você tem conhecimento de algum curso de canto específico para voz do rap? Você teria interesse neste tipo de conteúdo?

Após a transcrição das entrevistas, os dados foram analisados a partir dos processos de codificação e de categorização, orientados pelos trabalhos de Bogdan e Biklen (1994) e Farias, Impolcetto e Benites (2020), a fim de se construir uma teorização em torno do tema investigado. O processo de codificação é a fase de análise de dados que consiste na identificação de códigos, palavras, regularidade de ideias e comportamentos semelhantes, em pequenos trechos de entrevista (Farias, Impolcetto, Benites, 2020). Em outras palavras,

À medida que você lê seus dados, certas palavras, frases, padrões de comportamento, modos de pensar dos sujeitos e eventos se repetem e se destacam. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve várias etapas: você pesquisa em seus dados regularidades e padrões, bem como tópicos que seus dados cobrem e, em seguida, escreve palavras e frases para representar esses tópicos e padrões. Essas palavras e frases são categorias de codificação. Eles são um meio de classificar os dados descritivos que você coletou (os signos sob os quais você empilharia os brinquedos) de modo que o material referente a um determinado tópico possa ser fisicamente separado de outros dados (Bogdan, Biklen, 1994, p.173).

Por outro lado, o processo de categorização é a fase da análise dos dados, na qual os códigos são classificados, sintetizados e organizados, a partir de uma sintonia existente entre eles. Ou seja, tal procedimento se caracteriza pela união e pelo diálogo entre os diversos códigos, que se aproximam (Farias, Impolcetto, Benites, 2020).

Para a realização das entrevistas virtuais, que se sucederam à anuência dos entrevistados, via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a princípio foi realizada uma entrevista piloto, com um cantor de *rap* que também já atuou no cenário do *Hip Hop* sanjoanense. A entrevista piloto permitiu a reelaboração das perguntas que compuseram o questionário.

Em seguida, foi feito um convite por meio de mensagem no grupo de *WhatsApp* o BDE R.U.A. Este funciona como um portal informativo que concentra, além de MCs da Batalha da Estação, outros artistas do *Rap/Hip Hop* da região e simpatizantes da cultura. O critério para uma possível seleção de entrevistados foi a experiência com a voz rimada, seja em batalhas, gravações de estúdio ou *shows*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à higiene vocal, todos os quatro *rappers* afirmaram consumir suficientemente água e destacaram, em algum momento da entrevista, a importância da hidratação para a saúde vocal, seja antes de uma apresentação, gravação ou até mesmo depois de algum desgaste vocal, conforme preconizam Behlau e Rehder (1997).

Com relação aos desconfortos vocais, três deles relatam apresentarem episódios de rouquidão, após sessões de batalhas de rima, muito provavelmente resultante de abuso vocal, como previam as supracitadas autora.

Essa rouquidão surge pelo esforço vocal que é empregado durante as batalhas, que ocorre pela necessidade de projeção vocal, resultado da competição sonora imposto por ambientes ruidosos, e também pela estética ou pela emoção no momento das batalhas.

Esse esforço vocal é considerado extremamente nocivo, por Behlau e Rehder (1997), por possuir potencial de lesionar o aparelho vocal do cantor, devendo ser evitado, a partir de medidas como a providência de equipamentos adequados de captação vocal, como microfones – infraestrutura nem sempre disponível para os artistas autônomos.

Dois artistas entrevistados mencionaram alguns maus hábitos que foram adotados por eles devido a motivações estéticas: o hábito de fumar que, na visão de um entrevistado, era algo comum e até mesmo característico entre os cantores de *rap*, e o hábito de cantar grave que, para outra entrevistada, seria um fator determinante para sua interpretação nas batalhas de rima, conforme os excertos abaixo:

Eu sou fumante, e isso impacta diretamente na minha voz. Se você for ver a estética que se dá o *hip-hop*, é o estilo mais despojado, a roupa larga, a pessoa que fuma, a pessoa que consome certos tipos de produtos. Então eu nunca tinha parado pra pensar nisso (nos impactos do tabagismo), eu pensava na estética;

Ela [voz] é bem grave, é algo que na batalha até favorece. Parece que influencia no estilo de rima do MC, sabe? E aí, tipo, quem tem a voz mais grave parece que está falando com muito mais raiva do que realmente está. E aí vai criando o estilo de cada um.

Embora Behlau e Rehder (1997) enfatizam a importância de se fazer aulas de canto, para o monitoramento da saúde vocal dos cantores, a maioria dos entrevistados dessa pesquisa afirma não adotar essa prática, sob a justificativa de que desenvolvem suas técnicas e musicalidades, enquanto aprendem sobre o próprio fazer musical. No decorrer das entrevistas, percebe-se que a experimentação coletiva e individual é estratégia de estudo e desenvolvimento da voz, utilizada de maneira espontânea, sobretudo durante composição e gravação de suas músicas.

Entretanto, o entrevistado que afirma tomar aulas de canto se mostra mais consciente de tal importância, como se observa no trecho a seguir:

Eu não sabia que existia aula de canto, técnica, cuidados especificamente para a minha voz, aquecimento, desaquecimento. Isso começou a demonstrar para mim o quanto o meu corpo está ligado com a música que eu estou fazendo. (...) Por mais que utilize esses novos conceitos sobre o cuidado com a minha saúde vocal, nem sempre eu consigo não utilizar incorretamente a minha voz, por ser um hábito corpóreo. Também porque no *Hip Hop* a gente está tão preocupado com a luta e a arte, que a gente coloca o nosso corpo em terceiro lugar, e o corpo vem em primeiro lugar, porque o corpo é o templo de repasse da luta, da arte, então se o corpo definhava, não vai ter como fazer a luta.

Três dos entrevistados mencionam terem sido inseridos na prática de técnica vocal, em aulas de Canto Coral. Entretanto, a experiência de dois deles evidencia a marginalização da expressão vocal do *rapper*, em ambientes tradicionais de ensino de música, como nos trechos a seguir:

Eu lembro de alguns aquecimentos, de escala, mas só. O conservatório é um outro universo, eles ensinam a construir de outro jeito. Foi uma época muito difícil, porque eu meio que desgostei de música no período que eu fui lá. Depois que eu peguei pra fazer meus *beats*, produzir minhas músicas, aí que eu fui ver nessa história a teoria musical, conhecimento básico de instrumentos, que os da época me ajudou, mas eu não gostava, sinceramente. Eles não passavam nada sobre rap, parecia que música de conservatório e rap

não se misturavam;

Eu fui conhecer a ideia de coral, de tom, no conservatório. Já escutava, mas pra mim era algo que não era meu. Quando alguém falava de técnica vocal, eu falava “essa pessoa canta música clássica, eu nunca vou cantar música clássica, então não preciso de técnica vocal.

Nesse contexto, eles compreendem a necessidade de serem amparados por um profissional da voz que investigue as necessidades técnicas de um cantor de rap e que lhe forneça ferramentas para supri-las. E, aqui, não se defende a exclusão de técnicas vocais tradicionalmente mobilizadas para a expressão vocal erudita. Mas há que se investigar melhor as especificidades técnicas empregadas no rap e os desafios técnico-vocais impostos por cada subgênero dessa manifestação artística, com fins à promoção da saúde e expressão vocal desse cantor.

É importante ressaltar que o Rap apresenta uma variedade de expressões vocais, que vai de como se entende, tradicionalmente, como sendo voz falada e cantada, que mobiliza diferentes musculaturas corporais, envolvidas na performance e nos ajustes vocais – outrora abordados por Behlau e Rehder (1997) -, cujas mudanças esse cantor precisa aprender a fazer, a partir de uma consciência corporal, que pode ser facilitada por um profissional da voz, que entende bem esses mecanismos.

Quando questionados se percebem, em suas experiências pessoais, alguma diferença significativa na emissão vocal cantando diferentes subgêneros do rap, todos responderam que o que muda é o *flow*, ou seja, o fluxo rítmico que precisa acompanhar o andamento e as outras características indicadas pelo *beat*, mas que é possível se adaptar a vários estilos. Explicaram também que, nas batalhas de rima, ocorrem variações de subgêneros o tempo todo, o que também se torna um desafio para os competidores: adaptar as ideias e a métrica a diferentes andamentos e ritmos.

Os entrevistados alegaram que não realizam exercícios específicos de aquecimento vocal, mas demonstraram que, na prática, adotam uma estratégia que possui a mesma finalidade, qual seja aquecer a voz a partir da repetição de trechos de rap, até que sintam que a voz “mudou” - em consonância com o que sugerem Behlau e Rehder (1997), com relação à necessidade de que se reconheça as próprias características vocais, por meio de ensaios.

4 CONCLUSÃO

Em um contexto mineiro, em que a expressão musical do Rap tem se ampliado, o principal objetivo deste resumo expandido foi apresentar a compreensão de quatro cantores de *Rap* do município mineiro de São João del-Rei a respeito de sua prática de canto.

Embora existam pesquisas nacionais sobre o Rap, não se encontraram trabalhos que se ocupem com esse tema.

Em suma, como resultado, os entrevistados versaram sobre seus bons e sobre seus maus hábitos vocais, adotados na prática do Rap e demonstraram compreensão sobre a importância de se adotarem cuidados com a voz, dentre eles, a adoção de aulas de canto, mas também revelaram a criação de estratégias para contornar, por exemplo, a ausência de práticas de aquecimento inerentes ao ensino do canto.

Além disso, reconhecem a riqueza de manifestação vocal envolvida em sua prática de canto, o que os faz se sentir à margem das técnicas que consideram apenas as especificidades de expressões vocais legitimadas por instituições tradicionais de ensino de música.

A principal limitação dessa pesquisa está no fato de que a população investigada é muito pequena. Por esse motivo, importa que outras sejam realizadas em um contexto expandido, tanto com relação ao número de entrevistados, quanto em relação às diferentes regiões geográficas brasileiras.

REFERÊNCIAS

BEHLAU, Mara; REHDER, Mara Inês. **Higiene vocal para o canto coral**. Rio de Janeiro: Livraria e editora Revinter Ltda, 1997.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CARMO, Marina Paula Sacramento do. **A história do Movimento Hip Hop de São João Del Rei: 22 anos de Resistência**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qrEXqYSgzSQ&t=1s>. Acesso em: 04 de setembro 2024.

FARIAS, Alison Nascimento; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; BENITES, Larissa Cerignoni. A análise de dados qualitativos em um estudo sobre educação física escolar: o processo de codificação e categorização. **Revista Pensar a Prática**, v. 23, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57323>. Acesso: 17 de maio de 2023.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.) **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Curso de graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JÚLIO, Ana Clara. Conheça o movimento cultural que impulsiona o rap em São João del-Rei. **Notícias del-Rei**, São João del Rei, 16 de setembro de 2023. Seção Cultura. Disponível em: https://noticiasdelrei.com/2023/09/16/conheca-o-movimento-cultural-que-impulsiona-o-rap-em-sjdr/?fbclid=PAAaZpzkFxiqSbPn3-ILPolQqa6Bl-8aN71yiRFjy8JKhMVumpIDcOD9yxg60_aem_AZ4R5OcA4dg2d6r34ug1KFO2PieJREGXcb1G4cxm7aADpslyUhFdM6XgUJHWpC3IUU. Acesso em: 04 de setembro 2024.

PENNA, Maura. **Construindo o meu primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música**. 2ed. ampl. rev. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.

SANTOS, Bruna Lúcia dos; MANGILI, Liziane; SANTOS, Maria; THOMAZ, Wilgner. *Paisagens sonoras de resistência: o Rap na Bika e a ocupação da cidade*. **Anais. CONGRESSO INTERNACIONAL ESTUDOS DA PAISAGEM**, 2022, Maceió- AL. Agosto de 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358623817_PAISAGENS_SONORAS_DE_RE_SISTENCIA_o_Rap_na_Bika_e_a_ocupacao_da_cidade.

VERTENTES FM. **UFSJ IRÁ OFERECER OFICINAS DE HIP HOP E DE RIMA**, 2024. Disponível em: <http://vertentes.fm.br/ufs-j-ira-oferecer-oficinas-de-hip-hop-e-de-rima/>. Acesso em: 04 set. 2024.